

Textos de
Manuel da Fonseca

SETE CANÇÕES DA VIDA

Quarta

Depois que nossos pés andaram toda a terra,
cruzaram caminhos, devassaram florestas, escalaram montanhas
e volveram sangrentos riscando as estradas do mundo;
depois que o mar é um murmúrio azul de águas fáceis
e se foi o mistério que havia nas distâncias,
evaporado como espuma na quilha dos navios;
depois que nossas mãos mergulharam na noite milenária,
tocaram luas mortas, revolveram estrelas
e enfim! acenaram escorrendo luz de sóis:
- por que não vamos colher os frutos que nós semeámos?
porque não vamos, irmãos, porque não vamos?!

Eu vou-me embora para além do Tejo,
não posso mais ficar!

Já sei de cor os passos de cada dia,
na boca as mesmas palavras
batidas nos meus ouvidos...

- Ai as desgraças humanas destas paisagens iguais!...

Abro os olhos e não vejo
já não ando, já não oiço...
Não posso mais...

Grita-me a Vida de longe
e eu vou-me embora para além do Tejo.

Passa a ave no céu bebendo azul e diz: Vem!

O vento envolve-me numa carícia,
envolve-me e murmura: -- Vem!

As ondas estalam nas praias e vão mar fora,
as mãos de espuma a prender-me os sentidos
chamam no fundo dos meus olhos: -- Vem!

-- Camaradas, eu vou, esperai um pouco...

Ai, mas a vida nunca espera por ninguém...

E a noite chega vingadora;

o vento rasga-me o fato,

as ondas molham-me a carne

e a ave pia misticamente no ar;

abro os olhos e não vejo,

já não ando, já não oiço

-- e fico, desgraçado de ficar!...

OS OLHOS DO POETA

O poeta tem olhos de água para reflectirem todas as cores do mundo,
e as formas e as proporções exactas, mesmo das coisas que os sábios
desconhecem.

Em seu olhar estão as distâncias sem mistério que há entre as estrelas,
e estão as estrelas luzindo na penumbra dos bairros da miséria,
com as silhuetas escuras dos meninos vadios esguedelhados ao vento.

Em seu olhar estão as neves eternas dos Himalaias vencidos
e as rugas maceradas das mãos que perderam os filhos na luta entre as pátrias
e o movimento ululante das cidades marítimas onde se falam todas as línguas
da terra

e o gesto desolado dos homens que voltam ao lar com as mãos vazias e
calejadas

e a luz do deserto incandescente e trémula, e os gestos dos pólos, brancos,
brancos,

e a sombra das pálpebras sobre o rosto das noivas que não noivaram

e os tesouros dos oceanos desvendados maravilhando com contos-de-fada à
hora da infância

e os trapos negros das mulheres dos pescadores esvoaçando como bandeiras
aflitas

e correndo pela costa de mãos jogadas pró mar amaldiçoando a tempestade:
- todas as cores, todas as formas do mundo se agitam e gritam nos olhos do poeta.

Do seu olhar, que é um farol erguido no alto de um promontório,
sai uma estrela voando nas trevas

tocando de esperança o coração dos homens de todas as latitudes.

E os dias claros, inundados de vida, perdem o brilho nos olhos do poeta
que escreve poemas de revolta com tinta de sol na noite de angústia que pesa
no mundo.

MALTÊS

I

Em Cerromaior nasci.

Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.
Depois, tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia.

E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todos perdido
vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

II

Veio a guarda com a lei
no cano das carabinas.

Cercaram-me num montado;
puseram joelho em terra;
gritaram que me rendesse
à lei dos caminhos feitos.
Mas eu olhei-os de longe,
tão distante e tão de longe,
o rosto apenas virado,
que só vi em meu redor
dez pobres ajoelhados
perante mim, seu senhor.

III

Chegou gente às janelas,
saíram homens à rua:
- as mães chamaram os filhos,

bateram portas fechadas!

E eu, o desconhecido,
o vagabundo rasgado,
entrei o largo da vila
entre dez guardas armados;
- mais temido e mais amado
que o deus a que todos rezam.

- Que nunca mulher alguma
se rendeu mais a um homem
que a moça do rosto claro
ao cruzar os olhos pretos
com o meu olhar de rei!

IV

... E, vendo que eu lhes fugia
assim de altiva maneira
à sua lei decorada,
lá,
longe do sol e da vida,
no fundo duma cadeia,
cheios de raiva me bateram.
Inanimado,
tombei por fim a um canto.

E enquanto eles redobravam
sobre o meu corpo tombado,
adormecido
eu descansava
de tão longa caminhada!...

ANTES QUE SEJA TARDE

Amigo,
tu que choras uma angústia qualquer
e falas de coisas mansas como o luar
e paradas
como as águas de um lago adormecido,
acorda!
Deixa de vez
as margens do regato solitário
onde te miras
como se fosses a tua namorada.
Abandona o jardim sem flores
desse país inventado
onde tu és o único habitante.
Deixa os desejos sem rumo

de barco ao deus-dará
e esse ar de renúncia
às coisas do mundo.
Acorda, amigo,
liberta-te dessa paz podre de milagre
que existe
apenas na tua imaginação.
Abre os olhos e olha,
abre os braços e luta!
Amigo,
antes da morte vir
nasce de vez para a vida.

O LARGO

Antigamente, o Largo era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a Vila. O vento dá nas faias e a ramaria farfalha num suave gemido, o pó redemoinha e cai sobre o chão deserto. Ninguém. A vida mudou-se para o outro lado da Vila.

O comboio matou o Largo. Sob o rumor do rodado de ferro morreram homens que eu supunha eternos. O senhor Palma Branco, alto, seco, rodeado de respeito. Os três irmãos Montenegro, espadaúdos e graves. Badina fraco e repontão. O Estróina, bêbado, trocando as pernas, de navalha em punho. O Má Raça, rangendo os dentes, sempre enraivecido contra tudo e todos. O lavrador de Alba Grande, plantado ao meio do Largo com a sua serena valentia. Mestre Sobral. Ui Cotovio, rufião, de caracol sobre a testa. O Acácio, o bebedola do Acácio, tirando retratos, curvado debaixo do grande pano preto. E, lá ao cimo da rua, esgalgado, um homem que eu nunca soube quem era e que aparecia subitamente à esquina, olhando cheio de espanto para o Largo.

Nesse tempo, as faias agitavam-se, viçosas. Ace-navam rudemente os braços e eram parte de todos os grandes acontecimentos. À sua sombra, os palhaços faziam habilidades e dançavam ursos selvagens. À sua sombra, batiam-se os valentes; junto do tronco de uma faia caiu morto António Valmorim, temido pelos homens e amado pelas mulheres.

Era o centro da Vila. Os viajantes apeavam-se da diligência e contavam novidades. Era através do Largo que o povo comunicava com o mundo. Também, à falta de notícias, era aí que se inventava alguma coisa que se parecesse com a verdade. O tempo passava, e essa qualquer coisa inventada vinha a ser a verdade. Nada a destruía: tinha vindo do Largo. Assim, o Largo era o centro do mundo.

Quem lá dominasse, dominava toda a Vila. Os mais inteligentes e sabedores desciam ao Largo e daí instruíam a Vila. Os valentes erguiam-se no meio do Largo e desafiavam a Vila, dobravam-na à sua vontade. Os bêbados riam-se da Vila, cambaleando, estavam-se nas tintas para todo o mundo, quem quisesse que se ralasse, queriam lá saber — cambaleavam e caíam de borco. Caíam ansiados de tristeza no pó branco do Largo. Era o lugar onde os homens se sentiam grandes em tudo que a vida dava, quer fosse a valentia, ou a inteligência, ou a tristeza.

Os senhores da Vila desciam ao Largo e falavam de igual para igual com os mestres alvanéis, os mestres-ferreiros. E até com os donos do comércio, com os camponeses, com os empregados da Câmara. Até, de igual para igual, com os malteses, os misteriosos e arrogantes vagabundos. Era aí o lugar dos homens, sem distinção de classes. Desses homens antigos que nunca se descobriam diante de ninguém e apenas tiravam o chapéu para deitar-se.

Também era lá a melhor escola das crianças. Aí aprendiam as artes ouvindo os mestres artífices, olhando os seus gestos graves. Ou aprendiam a ser valentes, ou bêbados, ou vagabundos. Aprendiam qualquer coisa e tudo era vida. O Largo estava cheio de vida, de valentias, de tragédias. Estava cheio de grandes rasgos de inteligência. E era certo que a criança que aprendesse tudo isto vinha a ser poeta e entristecia por não ficar sempre criança a aprender a vida — a grande e misteriosa vida do Largo.

A casa era para as mulheres.

No fundo das casas, escondidas da rua, elas penteavam as tranças, compridas como caudas de cavalos. Trabalhavam na sombra dos quintais, sob as parreiras. Faziam a comida e as camas — viviam apenas para os homens. E esperavam-nos, submissas.

Não podiam sair sozinhas à rua porque eram mulheres. Um homem da família acompanhava-as sempre. iam visitar as amigas, e os homens deixavam-nas à porta e entravam numa loja que ficasse perto, à espera que saíssem para as levarem para casa. iam à missa, e os homens não passavam do adro. Eles não entravam em casas onde fossem obrigados a tirar o chapéu. Eram homens que, de qualquer modo, dominavam no Largo.

Veio o comboio e mudou a Vila. As lojas encheram-se de utensílios que, antes, apenas se vendiam nos ferreiros e nos carpinteiros. O comércio desenvolveu-se, construiu-se uma fábrica. As oficinas faliram, os mestres-ferreiros desceram a operários, os alvanéis passaram a chamar-se pedreiros e também se transformaram em operários. Apareceu a Guarda, substituiu os pachorrentos cabos de paz, e prendeu os valentes. As mulheres cortaram os cabelos, pintaram a boca e saem sozinhas. Os senhores tiram agora os chapéus uns aos outros, fazem grandes vénias e apertam-se as mãos a toda a hora. Vão à missa com as mulheres, passam as tardes no Clube, e já não descem ao Largo. Apenas os bêbados e os malteses se demoram por lá nas tardes de domingo.

Hoje, as notícias chegam no mesmo dia, vindas de todas as partes do mundo. Ouvem-se em todas as vendas e nos numerosos cafés que abriram na Vila. As telefonias gritam tudo que acontece à superfície da terra e das águas, no ar, no fundo das minas e dos oceanos. O mundo está em toda a parte, tornou-se pequeno e íntimo para todos. Alguma coisa que aconteça em qualquer região todos a sabem imediatamente, e pensam sobre ela e to-mam partido. Ninguém já desconhece o que vai pelo mundo. E alguma coisa está acontecendo na terra, alguma coisa terrível e desejada está acontecendo em toda a parte. Ninguém fica de fora, todos estão interessados.

A Vila dividiu-se. Cada café tem a sua clientela própria, segundo a condição de vida. O Largo que era de todos, e onde apenas se sabia aquilo que a alguns interessava que se soubesse, morreu. Os homens separaram-se de acordo com os interesses e as necessidades. Ouvem as telefonias, leem os jornais e discutem. E, cada dia mais, sentem que alguma coisa está acontecendo.

Também as crianças se dividiram: brincam em comum apenas as da mesma condição; param às portas dos cafés que os pais ou irmãos mais velhos frequentam. O Largo, agora, é todo o vasto mundo. É lá que estão os homens, as mulheres e as crianças. No outro Largo, só os bêbados e os madraços dos malteses — e aqueles que não querem acreditar que tudo mudou. O certo é que ninguém já liga importância a esta gente e a este Largo.

As grandes faias ainda marginam o Largo como antigamente e, à sua sombra, João Gadunha ainda teima em continuar a tradição. Mas nada é já como era. Todos o troçam e se afastam.

João Gadunha, o bêbado, fala de Lisboa, onde nunca foi. Tudo nele, os gestos e o modo solene de falar, é uma imitação mal pronta dos homens que ouviu quando novo.

— Grande cidade, Lisboa! — diz ele. — Aquilo é gente e mais gente, ruas cheias de pessoal, como numa feira!

Gadunha supõe que em Lisboa ainda há largos e homens como ele conheceu, ali, naquele Largo marginado pelas velhas faias. A sua voz ressoa, animada:

— Querem vocês saber? Uma tarde, estava eu no Largo do Rossio...

— No Largo do Rossio?

— Sim, rapaz! — afirma Gadunha erguendo a cabeça, cheio de importância. — Estava eu no Largo do Rossio a ver o movimento. Vá de passar o pessoal para baixo, famílias para cima, um mundo de gente, e eu a ver. Nisto, dou com um tipo a olhar-me de esguelha. Cá está um larápio, pensei eu. Ora se era!... Veio-se chegando, assim como quem não quer a coisa, e meteu-me a mão por baixo da jaqueta. Mas eu já estava à espera!... Salto para o lado e, zás, atiro-lhe uma punhada nos queixos: o tipo foi de gangão, bateu com a cabeça num eucalipto e caiu sem sentidos!

Uma gargalhada acolhe as últimas palavras do Gadunha.

— Um eucalipto?

Apenas por um pormenor, estragou uma tão bela história. Fosse antigamente, todos ouviriam calados. Agora, sabem tudo e riem-se. Mas Gadunha teima. Diz que sim, que já esteve no Largo do Rossio, lá em Lisboa.

— Vocês já viram um largo sem eucaliptos, ou faias, ou outra árvore qualquer? — pergunta ele, des-norteado.

Todos se afastam, rindo.

João Gadunha fica sozinho e triste. Os olhos arrasam-se-lhe de água, a bebedeira dá-lhe para chorar. Agarra-se às faias, abraça-as, e fala-lhes carinhosamente. Aperta-as contra o peito, como se tentasse abarcar o passado. E as suas lágrimas molham o tronco carunchoso das faias.

Vai morrendo assim o Largo. Aos domingos, é ainda maior a dor do Largo moribundo. Vão todos para os cafés, para o cinema ou para o campo. O Largo fica deserto sob a ramaria das faias silenciosas.

É nesses dias, pelo fim da tarde, que o velho Ranito sai da venda rangendo os dentes. Outrora, foi mestre-artífice; era importante e respeitado. Hoje, é tão pobre e sem préstimo que nem sabe ao certo o número dos filhos. Apenas sabe embebedar-se. Pequeno e fraco, o vinho transforma-o. Entesa-se, ergue o cacete e, sem dobrar os joelhos, apenas com um golpe de pés, pula para o ar e dá três cacetadas no pó do Largo antes de tocar de novo com os pés no chão. Ergue a cabeça e grita, estonteado:

— Se há aí algum valente, que salte para aqui!

Mas já não há nenhum valente no Largo, já não há ninguém no Largo. Ranito olha em volta com o olha espantado.

A vista turva-se-lhe, range os dentes:

— Ah vida, vida!...

Volteia o cacete sobre a cabeça. Vai de roda, feroz, pelo Largo ermo de vida, atirando cacetadas contra o chão. Vai, de cinta solta rojando, ágil e ridículo, a desafiar homens que já morreram.

Até que se cansa naquela luta desigual. O cacete despega-se-lhe das mãos e ele fica lasso, desequilibrado. Aos tropeções, pende para a frente e cai, tem que cair, o Largo já morreu, ele não quer, mas tem de cair. Pesado de bebedeira e de desgraça, cai vencido.

Uma nuvem de poeira ergue-se; depois, tomba vagarosa e triste. Tomba sobre o Ranito esfarrapado e tapa-o.

Ele já não pode ver que o Largo é o mundo fora daquele círculo de faias ressequidas. Esse vasto mundo onde qualquer coisa, terrível e desejada, está acontecendo.

CAMPANIÇA

Valgato é terra ruim.

Fica no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados. O mais é terra amarela, nua até perder de vista. Não há searas em volta. Há a charneca sem fim, que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.

Valgato é uma terra triste.

Saem os homens para o trabalho ainda a manhã vem do outro lado do mundo. Levam enxadas e foices e conhecem todos os trilhos, entre o mato, com estevas que são mais altas que duas vezes o tamanho do mais alto dos homens de Valgato. Tanto conhecem os caminhos que vão, sem desvio nem engano, até às herdades que ficam a léguas de distância, ainda com o sono e o escuro da noite fechando-lhes os olhos.

Não é de admirar. Zé Tarrinha tem uma mula que caiu num barranco de piteiras e vazou os dois olhos. Pois a mula nunca erra a casa e vai sozinha à fonte. Não é de admirar que os homens saiam ainda com o escuro da noite, e com o sono, e vão sem desvio ou engano até às herdades.

O Venta Larga, quando se fala que alguém se perdeu no caminho, diz sempre:

— A gente não precisa senão de saber onde põe os pés. O mais é cá disto... — funga com ruído e, alargando as narinas, aponta o nariz — ... o mais é cá do cheiro.

Por isso lhe chamam o Venta Larga.

Aí está que não é difícil um homem perder-se na charneca. É tão igual e monótona, rasa para todos os lados e para todos os lados deserta, que só o tino e, como diz o Venta Larga, o cheiro, são capazes de orientar.

Para que serve ver? Anos e anos a olhar o descampado, os olhos cansaram-se de ver sempre o mesmo.

A vista dos homens de Valgato é um sentido embotado.

Há uma névoa cobrindo-a, mesmo de dia com o céu esbranquiçado e o lume do Sol tremendo no ar. E sem ver, ainda a manhã vem no outro lado do mundo, os homens, certinhos como a mula do Zé Tarrinha, andam léguas e léguas e vão dar às herdades. E de noite, sempre de noite, tornam para a aldeia, certos e direitos, com os olhos cegos do sono que volta. Certos e direitos que um homem não precisa mais que saber onde põe os pés.

Todos os dias assim: sair de noite, voltar de noite. Que a aldeia de Valgato é terra ruim cercada de carrascais.

E fica no fundo de um córrego magoado de solidão.

Valgato é uma terra triste.

Maria Campaniça, quando era solteira, pensava todos os dias fugir da aldeia. Era nova e tinha o rosto corado e um lenço de barra amarela. Subia a quebrada, sentava-se no cabeço mais alto à sombra de um chaparro e punha-se a pensar para que lado partiria. Mas o descampado, correndo sem fim por vales e outeiros, bravio, agressivo de cardos e tojos, metia-lhe medo.

Maria Campaniça juntava os porcos e voltava à aldeia, à hora do entardecer.

Depois apareceu o Baleizão com conversas, à noite, na soleira da porta. E o mesmo desejo continuou: fugir de Valgato. Comprariam os dois uma bécora e um bácoro e ao fim de algum tempo haviam de ter uma vara de porcos. Iriam vendê-los à feira de Cerromaior e aí ficariam a viver. Aí ou noutra terra, contanto que não fosse em Valgato.

Agora Maria Campaniça há muito tempo que vive com o seu homem. Quando quer saber os anos ao certo, conta o número de filhos. Tem cinco e o mais novo poucos meses. Portanto, vai para sete anos que está com o Baleizão.

Uma noite, Maria Campaniça sonhou que era velha e morria sem sair de Valgato. Foi e contou à mãe.

O rosto encarquilhado da velha franziu-se ainda mais na sombra do lenço:

– Que parvidade, moça! Então onde haverás de morrer?

Quando era nova tinha o rosto corado e gostava de ouvir falar do Zé Gaio. Agora já ninguém sabia dele.

Fora-se numa noite de estrelas, quando os homens cantavam uma toada tão lenta e desgarrada que até metia medo.

O Venta Larga, quando se fala no Gaio, explica o caso nestas palavras:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Mas Maria Campaniça sabe que não foi assim.

E recorda a história do Gaio... Quando os homens recolhiam a Valgato, acontecia às vezes ficarem de conversa no terreiro. Depois, porque a terra era sem fim para todos os lados e os homens se sentiam presos naquele vale do fim do mundo, libertavam-se cantando.

Zé Gaio ouvia com o rosto imóvel e o olhar distante. Em dada altura, o peito cheio de uma ansiedade que nem ele sabia, erguia-se e, sem uma fala a ninguém, partia por trilhos e carreiros de cabras até o cansaço o vencer. Ao voltar à aldeia era dia e trazia o rosto vincado de tristeza.

Uma tarde, já sem sol, quando os homens vindos da faina desciam das cristas dos cabeços, notaram que havia qualquer coisa de estranho em Valgato. Estugaram o passo. E perto olharam inquietos, poisando de leve as enxadas no chão.

Era uma forma de mulher com um vestido azul, colado, desenhando-lhe a carne. E tinha a boca vermelha e os olhos azuis e os cabelos loiros. Sorria. E

andando oscilava as ancas torneadas, vivas, no vestido azul. E os seios tremiam a cada passo e levava os olhos de todos os homens de Valgato presos nos cabelos loiros, nas ancas e nos seios.

Depois, viera um senhor, dono das terras do vale, e a mulher partiu com ele, num carro, pelo melhor dos caminhos que sai de Valgato e a léguas dali entra na estrada real.

Os homens continuaram indecisos, com os olhos voltados para o cabeço por onde a mulher desaparecera.

Só acordaram com as palavras da velha Carrasquinha.

A velha dizia que aquilo fora uma aparição...

– ... Foi uma santa!

Entrou em casa, tirou do fundo da arca uma estampa e voltou.

– Olhem se foi ou não foi!

Todos olharam. Era uma Nossa Senhora vestida de azul, com os cabelos loiros abertos ao meio.

Os homens ficaram mais tristes que nunca. E, nessa noite, cantaram tão desgraçados como os presos às grades de uma cadeia.

Só um deles não acreditara nas palavras da velha. Tinha a certeza de que vira uma mulher. E quando a noite ia em meio – ainda os homens cantavam – jogou a manta para o ombro e partiu.

Partiu e nunca mais voltou. Por isso o Venta Larga dizia:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Maria Campaniça sente ainda mais fundo o peso dos filhos e da solidão que enche o vale. Ela também quisera partir quando era solteira e mesmo depois de viver como seu homem. Quisera partir... Agora sonhou aquele sonho: morrer de velha em Valgato.

As palavras da mãe aí estavam:

– Que parvidade, moça! Então onde haveras de morrer?

Aí estavam as sombras da noite chegando, estirando-se pelas encostas dos outeiros, cada vez mais compridas, mais tristes. E os casebres da aldeia, abatidos, mergulhando na noite. Uma maré cheia de solidão crescendo, afogando.

Um rebanho badalava chocalhos... Maria Campaniça quando era nova também ia para o montado com uma vara de porcos. Olhava, dos cabeços, a planura sem fim. Depois viera o Baleizão com conversas, à noite, na soleira da porta. Vieram os filhos e Maria Campaniça sonhara que morria sem sair de Valgato.

Zé Gaio andava ao acaso por terras melhores, senhor da sua vida. Estava em todas as feiras gozando todas as horas como melhor lhe apetecesse. E iria para aqui ou para além segundo a vontade. Vida boa... Maria Campaniça quando era nova tinha o rosto corado e um desejo enorme de abalar. Agora tem um filho nos braços chupando-lhe o seio e, perto, dormem os outros na enxerga...

Lá fora a noite fechou-se.

Valgato fica mais longe do mundo, mais longe do mundo. E o medo de que o sol nunca mais volte aperta o peito dos homens. Noite, noite.

Maria Campaniça tem os olhos presos nas cinzas da lareira. Entra pela casa dentro a voz desgraçada dos homens cantando. É uma toada igual, arrastada como a planície áspera de tojos e cardos. Os olhos de Maria Campaniça estão cheios de água. Veio-lhe a certeza de que não sairá da aldeia,

e que, um dia, quando for velha, hão-de cobri-la de terra e pôr-lhe uma cruz em cima.

Duas lágrimas caem sobre a criança que lhe chupa o seio. No terreiro, os homens cantam a desolação que vem de noite e lhes aperta o peito. Vozes arrastadas como o vento gemendo num pinhal. Choro, mágoa, raiva. Que a aldeia de Valgato é uma terra triste.

Cercada de carrascais e sobreiros descarnados, não tem searas em volta.

Só a planície sem fim que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.

Valgato é terra ruim.

NÉVOA

Naquela tarde de fins de Outono, os homens do largo olharam admirados a figura esguia do Zé Limão, estendido de borco, imóvel como se houvesse perdido os sentidos. Tinham-no visto sair da venda, de escantilhão, e vir desequilibrado, a grandes passadas, os braços abertos, roçar de lado pela lama até que de todo se aquietou, prostrado no chão. E não fizeram caso porque isso acontecia algumas vezes.

Mas a noite vinha caminhando, com o céu fechado de nuvens baixas, e Zé Limão ainda lá estava na mesma atitude; inerte, com a cabeça entre os braços.

Saiu um homem do grupo, sentado na beira do lancil, e tocou-lhe com o pé na cintura. Zé Limão não deu acordo. Outros homens se aproximaram e um deles, mais resolutivo, ergueu-o por baixo dos braços. O corpo abandonado do Zé Limão subiu, arrastando os pés pela terra molhada. O homem sacudiu-o com dureza:

— Estás morto ou vivo?

No círculo que se fizera, um velho de chapéu deformado e cheio de buracos, a barba penugenta, descerrou a boca num riso sem dentes:

— Olha quem!... Isso é pardal que não morre tão cedo.

Mas o outro continuava a sacudi-lo:

— Mexe-te, homem!

Zé Limão parecia um corpo morto. A cabeça pendente oscilava, de pernas moles, os pés rojavam.

Então, o homem que primeiro se aproximara tirou a mão do bolso e desfechou-lhe uma bofetada:

— Acorda, cão!

A custo, Zé Limão endireitou a cabeça, toda trémula, às guinadas. Tinha a boca repuxada, mostrando os dentes amarelados. Os olhos, muito abertos, reviravam-se, lentos e pasmados. Tentou pisar o chão, firmar-se. Em voz roufenha, mal conseguiu articular, forçando por ver-se livre do homem que o prendia:

— Larga! Larga!

O velho da penugem branca soltou uma gargalhada:

— Eu não disse? Olha quem!... Isto de bêbados só morrem no tarde.

Sentindo-se solto, Zé Limão foi cambaleando até ao passeio em frente. Deixou-se escorregar pela parede abaixo e ficou, dobrado, de testa apoiada aos joelhos.

Os homens voltaram a formar grupos, reatando a conversa. Ninguém mais fez caso do Zé Limão. Todos o conheciam, de há muito, como um bêbado sem eira nem beira. Jaqueta ao ombro, barrete para trás, cantarolava numa voz enrouquecida pelo vinho. De quando em quando, parecia cair desamparado, mas logo ganhava equilíbrio entesando as pernas magras, abrindo os braços num rompante grotesco:

*Não sou pobre nem sou rico,
sou maltês do Alentejo...*

Pendia a cada passo. Na cara enrugada, a boca distendia-se num riso canalha e os olhos, que nunca fitavam ninguém, pareciam guardar uma névoa que alastrava como se constantemente chorassem lágrimas que nunca caíam:

*... Minha pobreza é d'amores,
minha riqueza é um beijo!...*

Chamavam-no mulheres da porta dos quintais e, por dó, punham um tacho de comida no poial, porque nunca a mão do Zé Limão se estendia a pedir uma esmola. Aparecia sempre ao fim da tarde, já com as sombras da noite escurecendo as ruas. Entrava na primeira taberna que encontrasse, metia-se numa roda e, ao menor descuido, tirava do balcão um copo que esvaziava de um trago. Então corriam-no para fora ou espancavam-no.

Outras vezes, os homens do largo, em grandes risadas, pagavam-lhe o vinho que ele conseguisse beber.

Aceitando tudo com a mesma indiferença, pancadas ou esmolas, lá ia no seu andar desatinado, violentando o corpo a cada passo, como se os véus, ainda ténues, do sol-posto, fossem redes difíceis de romper.

Jamais o haviam visto falar com alguém e, no entanto, durante horas seguidas escutava qualquer grupo sentado no largo, quando é no Verão e o paleio dura até alta noite. Os olhos abriam-se-lhe numa atenção de desvairado, rindo despropositadamente, apoiando frases, de dedo estendido. Mas, ao caminhar pelas ruas, havia nele um constante monólogo interior. Só os gestos e o inclinar repetido da cabeça traíam, ao de leve, aquelas cenas imaginadas não se sabe com quem. A cabeça erguia-se, brusca, num jeito de desafio, o barrete no ar, depois tombava para a frente, o queixo batia no peito. E, todo curvado, desandava para trás até esticar as pernas, de repelão:

— Ah! Raios os partam!...

E lá ia ao acaso. O corpo ora pesado e preso ao chão ora leve e desequilibrado, trocando as pernas como numa dança, e as mãos tontas, gesticulando, perdido de bêbado.

Ninguém sabia de onde viera nem onde nascera.

Malteses, homens que o conheciam de outras paragens, haviam contado pedaços da vida do Zé Limão.

Era voz corrente que fora uma mulher que o desgraçara. Mas quando alguém queria saber detalhes, os interrogados respondiam vagamente:

— Ora!... Como haveria de ser? Aquilo foi da beberagem malina que ela lhe deu.

Depois, a vila acostumou-se. Para mais, Zé Limão era um maltês e sabe-se lá que noite escura é o passado dessa gente!...

Por isso, naquele anoitecer de fins de Outono, os homens do largo voltaram costas desinteressados.

Com a noite fechada, um nevoeiro pesado alagou a vila. Na faixa de luz que saía das vendas, o empedrado luzia de água. Já os homens do campo haviam cantado; longo tempo, ao meio do largo, em círculo, com as mantas sobre as cabeças; já as tabernas haviam cerrado as portas há muito, ninguém passava pelas ruas escuras da vila, e ainda Zé Limão se não mexera.

O nevoeiro repassava tudo, as paredes escorriam.

Só quando um carro de mulas saiu do negrume e passou, tilintando guizeiras, Zé Limão abriu os olhos.

Mas nada conseguiu ver para lá do braço estendido.

Arrepiado de frio, ergueu-se. Aos tombos, apoiando a mão no chão a cada desequilíbrio, teimoso, roçando pelas paredes, subiu para o meio da vila.

Assim foi até que as forças lhe faltaram. Bateu na ombreira de uma porta, deu meia volta e ficou sentado.

Quis afastar os cabelos dos olhos e não pôde.

Um torpor de febre invadiu-o lentamente. E de novo sentiu a dor aguda da fome. Desde dias que Zé Limão nada comia. Ninguém o chamara a uma porta e de todas as tabernas o corriam como a um cão danado.

Isto era o pior de tudo: «Se pudesse beber... um copo ao menos...»

Zé Limão ergueu-se um pouco de encontro à parede, apoiado na pedra. As fontes latejam-lhe, escaldantes.

«Há quanto tempo não come? Uma semana, um mês, um ano?» Pela cabeça passam-lhe visões de tabernas:

«Seu António, tenho fome... Só quero um copo... Seu António...» Sensações cortam-lhe a carne dorida, estremece todo curvado, molhado do nevoeiro, e a cara escorre. «Seu António!...»

A boca do Zé Limão torce-se como se fosse rir ou gritar. Mas os braços baloiçam sem força. Vem-lhe à ideia uma noite longínqua: de uma barraca de feira, mulheres de boca pintada chamavam-no. E vinha outra noite. Outra ou era ainda a mesma? «Cala a boca! Aqui, só eu falo!» E todos se calavam. «Eu sou o Zé Limão!» E, à menor contrariedade, o cacete caía onde punha os olhos. «Vá uma rodada, eu pago!...» Mas isso fora há muitos anos, antes da bebedeira e da fome.

Do escuro da rua ouvem-se passos que se aproximam: um vulto, disforme no nevoeiro, aparece. E um homem embrulhado num capote, que vem rente à parede.

Zé Limão entesa-se, forçando o corpo. O peito arqueja, ofegante. De boca contraída, joga-se para a frente. Bate os pés nas pedras escorregadias e avança de braços abertos.

O homem tenta escapar-lhe, passando de lado. Mas os dedos do Zé Limão cravam-se no capote, empurraram-no. Uma parede pára as costas do homem.

Zé Limão, inteiriçado, de mãos crispadas, olhos arregalados, escancara a boca num grito:

— Dinheiro!

O homem, assustado, leva a mão ao bolso, e os dedos, sem ânimo, abrem-se, deixando cair uma moeda.

Ao som do metal tinindo nas pedras, Zé Limão larga-o e curva-se para o chão. O homem fica um momento preso à parede. Depois, sem uma palavra, desaparece no nevoeiro.

Zé Limão estremece ao contacto da moeda na pele engelhada da mão. Caminha para o largo, a princípio vagaroso, logo, as pernas começam a obedecer ao seu grande desejo. Beber, beber um copo cheio a deitar por fora! «Seu António, eu pago!...»

Mas o largo está deserto e negro; nem uma porta iluminada.

Ao acaso, volta pelas ruas, apoiado às paredes, a boca torcida. «Seu António, abra; eu tenho dinheiro!...»

Nenhuma porta se abre. Toda a vila se fechou, na noite fria.

Numa rua estreita, uma luz alumiava três degraus de pedra. Estacou. Resoluto, atravessa a rua e vai cair na escada, já dentro do clube da gente rica da vila, ainda aberto àquela hora.

Uma ideia fixa domina-o: lá dentro há vinho e pão!

Isto fá-lo ganhar novas forças. Ajudando com as mãos, sobe os degraus, empurra a porta envidraçada, endireita-se e caminha pelo corredor fora. Entra na primeira sala e vai bater no mármore de uma mesa. Aquietando-se, cego das lâmpadas abertas de claridade, grita:

— Quero vinho! Vinho!

Um sujeito que escrevia, sentado à mesa do meio da sala de café, surpreendido, pulou na cadeira. A caneta caiu-lhe para o chão. Mas olhando melhor, recompõe-se e começa a rir. Atravessa por entre as mesas e chama para a sala de jogo:

— Venham cá ver uma coisa!...

Ouviu-se o ruído de cadeiras arrastadas, passos caminhando e, daí a pouco, um grupo de homens apareceu à porta da sala de café. Olharam admirados.

Zé Limão, de barrete enterrado até aos olhos, a barba crescida, o fato em farrapos escorrendo água, abre a mão onde brilha uma moeda nova. Pés sujos, plantados ao meio do soalho atapetado, o corpo oscila-lhe levemente.

— Eu pago, seu doutor - murmura humildemente. — Vinho... Eu pago...

Uma gargalhada solta de pura alegria abre todas as bocas. A tosse de um velho, embrulhado num cachecol até às orelhas, uma tosse funda de engasgado, faz um acompanhamento soturno.

Zé Limão olha sem entender. Dez bocas riem-lhe na cara um riso rolado. A mão cai-lhe ao lado da perna.

Atraído pelo barulho, o contínuo aparece.

Um homem gordo e alto que está na frente de to-dos, segura a barriga, bate palmadas na coxa e as palavras saem-lhe a custo, entrecortadas de frouxos de riso:

— Deita isso fora prà rua, Jacinto!... E do melhor que tenho visto!... Ah! ah! ah! O Zé Limão!... Com que então, vinho!... No clube!... O Zé Limão! E do melhor, do melhor que tenho visto!... Deita, Jacinto, deita isso prà rua!...

O contínuo aproxima-se e Zé Limão, sem opor resistência, deixa-se ir. Só na escada volta o rosto dolorido:

— Um bocado de pão... Eu pago!...

Mas as gargalhadas ondulam-lhe nos ouvidos como um vento e o homem empurra a porta:

— Rua, rua!

De novo cai na noite.

Vai exausto, roçando pela parede molhada. Ao sentir a moeda na mão, uma raiva leva-lhe as últimas forças. Atira-a fora e o tinir do metal nas pedras da rua parece-lhe o riso dos homens do clube. Uma gargalhada curva como um redemoinho de vento. Vento que The levava o corpo. Dez bocas enormes soprando um alvoroçado e ameaçador bafo frio.

A cabeça de Zé Limão ardia de febre, a fome, roendo no estômago, enovelava-lhe os músculos. Sentia-se cair, cair pelas ruas abaixo em direcção ao largo.

Já não tinha noção de nada. Teria os olhos abertos?

Que importava saber? Aquilo era uma noite de água parada e ele ia cego e perdido de bêbado. Parecia boiar.

O chão, invisível, vinha bater-lhe na cabeça, nas costas, nos ombros, depois fugia-lhe, só lhe tocava nos pés.

Sem atinar no caminho, Zé Limão atravessou o largo e entrou pelo portão da Quinta Nova, noite e dia aberto. Tropeçando, foi bater no muro baixo do poço, que era em frente. Ficou dobrado: os pés já não assentavam no chão, nem a cabeça. Só o ventre o aguentava. E a pressão fez-lhe sentir um bem-estar de cansaço. Julgou-se suspenso: todo o corpo se amoleceu num desejo enorme de dormir. Deitar-se e adormecer, descansar. Escorregava para o lado de dentro do poço, os pés subiam cada vez mais. Zé Limão ia deitar-se e dormir sossegado. A cabeça tombava-lhe suavemente.

Mestre Finezas

Agora entro, sento-me de perna cruzada, puxo um cigarro, e à pergunta de sempre respondo soprando o fumo:

- Só a barba.

Ora é de há pouco este meu à-vontade diante do Mestre Ilídio Finezas.

Lembro-me muito bem de como tudo se passava. Minha mãe tinha de fingir-se zangada. Eu saía de casa, rente à parede, sentindo que aquilo era pior que ir para a escola.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enrolava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora.

Como o tempo corria devagar! A tesoura tinha e cortava junto

das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer. "Está quieto, menino", repetia Mestre Finezas segurando-me a cabeça entre as pontas duras dos dedos: "Assim, quieto!" Os pedacitos de cabelo espalhados pelo pescoço, pela cara, faziam comichão e não me era permitido coçar. Por entre as madeixas caídas para os olhos via-lhe, no espelho, as pernas esguias, o carão severo de magro, o corpo alto, curvado. Via-lhe os braços compridos, arqueados como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava uma aranha. E eu - sumido na toalha, tolhido numa posição tão incómoda que todo o corpo me doía - era para ali uma pobre criatura indefesa nas mãos de Mestre Ilídio Finezas.

Nesse tempo tinha-lhe medo. Medo e admiração. O medo resultava do que acabo de contar. A admiração vinha das récitas dos amadores dramáticos da vila.

Era pelo inverno. Jantávamos à pressa e nessas noites minha mãe penteava-me com cuidado. Calçava uns sapatos rebrilhantes e umas peúgas de seda que me enregelavam os pés. Saíamos. E, no negrume da noite que afogava as ruas da vila, eu conhecia pela voz famílias que caminhavam na nossa frente e outras que vinham para trás. Depois, ao entrar no teatro, sentia-me perplexo no meio de tanta luz e gente silenciosa. Mas todos pareciam corados de satisfação. Daí a pouco, entrava num mundo diferente. Que coisas estranhas aconteciam! Ninguém ali falava como eu ouvia cá fora. E mesmo quando calados tinham outro aspeto; constantemente a mexerem os braços. Mestre Finezas era o que mais se destacava. E nunca, que me recorde, o pano desceu, no último ato, com Mestre Finezas ainda vivo. Quase sempre morria quando a cortina principiava a descer e, na plateia, as senhoras soluçavam alto.

Aquelas desgraças aconteciam-lhe porque era justo e tomava, de gosto, o partido dos fracos. E, para que os fracos vencessem, Mestre Finezas não tinha medo de nada nem de ninguém. Heroicamente, de peito aberto, e com grandes falas, ia ao encontro da morte.

Eu arrepiava-me todo. Uma noite Mestre Finezas morreu logo no primeiro ato. Foi um desapontamento. Todos criticaram pelo corredor, no intervalo. "O melhor artista morreu mal entra em cena!... Não está certo! Agora vamos grammar quatro atos só com canastrões!", dizia o doutor delegado a meu pai.

Mas a cena tinha sido tão viva e a sua morte tão notada durante o resto do espectáculo que, no outro dia, me surpreendi ao vê-lo caminhando em direção à loja.

Ora havia também um outro motivo para a minha admiração. Era o violino. Mestre Finezas, quando não tinha fregueses, o que era frequente durante a maior parte do dia, tocava violino. E, muita vez, aconteceu eu abandonar os companheiros e os jogos e quedar-me, suspenso, a ouvi-lo, de longe. Era bem bonito. Uma melodia suave saía da loja e enchia a vila de tristeza.

Passaram anos. Um dia, parti para os estudos. Voltei homem. Mestre Finezas é ainda a mesma figura alta e seca. Somente tem os cabelos todos brancos.

- Olha bem para mim - pede-me às vezes -, olha bem e diz lá se este é o mesmo homem que tu conhecestes? ...

Finjo-me admirado de uma tal pergunta. Procuo convencê-lo de que sim, de que ainda é. Compreende as minhas mentiras e abana docemente a cabeça:

- Estou um velho, Carlinhos!...

Vou lá de vez em quando. A loja está sempre deserta. As mãos muito trémulas de Mestre Finezas

mal seguram agora a navalha. Também abriram, na vila, outras barbearias cheias de espelhos e vidrinhos, e letreiros sobre as portas a substituírem aquela bola com um penacho que Mestre Finezas ainda hoje tem à entrada da loja.

Mestre Finezas passa necessidades. Vive abandonado da família, com a mulher entrevada, num casebre próximo do castelo. Eu sou um dos raros fregueses e o seu único confidente.

Ilídio Finezas sonhou ser um grande artista, ir para a capital, e quem sabe se pelo mundo fora. Eu falhei um curso e arrasto, por aqui, uma vida de marasmo e ociosidade. Há entre mim e esta gente da vila uma indiferença que não consigo

vencer. O meu desejo é partir breve. Mas não vejo como. E, quando o presente é feio e o futuro incerto, o passado vem-nos sempre à ideia como o tempo em que fomos felizes. Daí eu ser o confidente de Mestre Finezas.

Ele ajuda as minhas recordações contando-me dos dias a que chama da "sua glória". Estamos sozinhos na loja. De navalha em punho, Mestre Finezas declama cenas inteiras dos "melhores dramas que já se escreveram." E há nele uma saudade tão grande das noites em que fazia soluçar de amor e mágoa as senhoras da vila que, amiúde, esquece tudo o que o cerca e fica, longo tempo, parado. Os seus olhos ganham um brilho metálico. Fixos, olham-me mas não me veem. Estão a ver para lá de mim, através do tempo.

Lentamente, aflora-lhe aos lábios, premidos e brancos, um sorriso doloroso.

- Eu fui o maior artista destas redondezas!... -murmura.

Na cadeira, com a cara ensaboada, eu revivo a infância e sonho o futuro. Mestre Finezas já nem sonha; recorda só.

De novo, a mão treme-lhe junto da minha cara. No espelho, vejo-lhe o busto mirrado, os cabelos

escorridos e brancos. Oiço-lhe a voz desencantada:

-A navalha magoa-te? Uma onda de ternura por aquele velho amolece-me. Dá-me vontade de lhe dizer que não, que a navalha não magoa, que nem sequer a sinto. O que magoa é ver a presença da morte alastrando pelas paredes escuras da loja, escorrendo dos papéis caídos do teto, envolvendo-o cada vez mais, dobrando-lhe o corpo para o chão.

Mas Mestre Finezas parece nada disto sentir. Salta de um assunto para outro com facilidade. Preciso de tomar atenção para lhe seguir os fios do pensamento. Agora faz-me queixas da vila. E termina como sempre:

-Esta gente não pensa noutra coisa que não seja o negócio, a lavoura. Para eles, é a única razão da vida.

Volto a cabeça e olho-o. Sei o que vai dizer-me. Vai falar-me do abandono a que o votaram. Vai falar-me do teatro, da música, da poesia. Vai repetir-me que a arte é a coisa mais bela da vida. Mas não. Já nos entendemos só pelo olhar. Mestre Finezas salta por cima de tudo isto e ergue a navalha num lance teatral:

- Que sabem eles da arte? Tu que estudaste, tu sabes o que é a arte. Eles não-de morrer sem nunca terem gozado os mais belos momentos que a vida pode dar!...

Atravessou a loja, abriu um armário cavado na parede, e tirou o violino.

- Eu não te disse nada, Carlinhos, mas, olha, tenho vendido tudo para não morrer de fome... Tudo.

Mas isto!...

Estendeu o violino na minha direção e continuou, reprimindo um soluço:

- Isto nem que eu morra!... É a minha última recordação...

Calou-se por longo tempo de olhos no chão. Depois, de boca muito descerrada, disse-me como

quem pede uma esmola:

- Tu queres ouvir uma música que eu tocava muito, Carlinhos?...

- Quero!... - respondi, forçando um sorriso de agrado.

Nem me ouviu. Estava, ao meio da loja, entre mim e a porta e prendia o violino no queixo.

O arco roçou pelas cordas e um murmúrio lento começou, no silêncio que vinha das ruas da vila e enchia a casa. Lentamente, o fio de música ia

engrossando. Era agora mais forte, agudo, desamparado como um choro aflito. E demorava, ondeava por longe, vinha e penetrava-me de uma sensação dolorosa. Levantei-me de toalha caída no peito, cara ensaboada, preso não sei de que vagos desgostosos pensamentos. Talvez pensasse em fugir, pedir-lhe que não tocasse mais aquela música desarmada e triste. Mas, na minha frente, Mestre Finezas, alheio a tudo, fazia gemer o seu violino, as suas recordações. O sol da meia tarde entrava pela porta e aureolava-o de uma luz trémula. E erguia o corpo como levado na toada que os seus dedos desfiavam; ficava nos bicos dos pés, todo jogado para o teto. De súbito, uma revoada de notas soltaram-se, desencontradas, raivosas. Encheram a loja, e ficaram vibrando.

Os braços caíram-lhe para os lados do corpo. Numa das mãos segurava o arco, na outra, o violino. E, muito esguio, macilento, Mestre Finezas curvou a cabeça branca, devagar, como a agradecer os aplausos de um público invisível.